



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Anton Tchékhev e Liev Tolstói: faces das relações dialógicas

Anton Chekhov and Leo Tolstoy: faces of dialogic relationships

Autora: Daniela S. T. Merino
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Edição: RUS Vol. 13. Nº 22
Publicação: Agosto de 2022
Recebido: 30/06/2022
Aceito: 30/07/2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.199657>

MERINO, Daniela S. T.
Anton Tchékhev e Liev Tolstói: faces das relações dialógicas.
RUS, São Paulo, v. 13, n. 22, 2022, pp. 223-241.



Anton Tchékhev e Liev Tolstói: faces das relações dialógicas

Daniela S. T. Merino*

Resumo: Anton Pávlovitch Tchékhev (1860-1904) e Liev Nikoláievitch Tolstói (1828-1910) são cada vez mais estudados e investigados em nosso país. Suas interrelações, porém, são ainda tema bastante escasso e desconhecido entre nós. O objetivo deste artigo é trazer luz a esta riqueza tão pouco explorada. Por meio de traduções feitas diretamente do original russo, visa-se introduzir em língua portuguesa trechos de cartas e diários até então inéditos que comprovam os principais contatos que tiveram, bem como aquilo que de mais significativo Liev Tolstói deixou registrado acerca de seu contemporâneo.

Abstract: Anton Pavlovitch Chekhov (1860-1904) and Leo Nikolayevitch Tolstoy (1828-1910) are increasingly known and subjects of inquiry in our country. The relationships between them are still little known and understood. The purpose of this article is to shed light on this rich but little-explored subject. Through translations directly from the Russian original, the aim is to introduce to the Portuguese-language reader excerpts from letters and diaries until now unpublished. These demonstrate the contacts the two writers had, as well as the most significant things Leo Tolstoy wrote about his contemporary.

Palavras-chave: Anton Tchékhev; Liev Tolstói; Relações dialógicas
Keywords: Anton Chekhov; Leo Tolstoy; Dialogic relationships

Tchékhov!... Tchékhov é Púchkin na prosa.

Liev Tolstói

Introdução

Que Anton Tchékhov e Liev Tolstói foram gigantes monumentais da literatura russa já é fato mundialmente conhecido e incontestável. O que talvez poucos em nosso país saibam é que ambos os autores travaram contato ao longo de suas vidas, assim como leram, apreciaram e comentaram as obras um do outro, deixando diversos registros a este respeito em cartas, diários e cadernos de anotações.²

Falando brevemente sobre o caso das referências deixadas por Anton Tchékhov,³ torna-se evidente em seus relatos a admiração profunda que ele nutria por Liev Tolstói. Existem pri-

* Universidade de São Paulo, doutora em Letras. Mestrado e doutorado com bolsa FAPESP sobre a trajetória do pedagogo teatral Leopold Sulerjitski e os contrastes do Primeiro Estúdio do Teatro de Arte de Moscou com a Primeira Guerra Mundial no início do século XX. Graduada pela mesma instituição com pesquisa em nível de Iniciação Científica sobre as interrelações entre Anton Tchekhov e Liev Tolstói. Autora do livro "Sulerjitski: mestre de teatro, mestre de vida". <http://lattes.cnpq.br/1792630789142427>; <https://orcid.org/0000-0001-6896-0030>; daniela.terehoff@hotmail.com

1 O termo "relações dialógicas" é parte da teoria sobre o dialogismo legada pelo filósofo e pensador russo Mikhail Bakhtin (1895-1975). De acordo com o conceito, toda a linguagem existente está fundamentada no dialogismo, isto é, a relação com o outro. A vida é dialógica por natureza: basta estarmos vivos para participarmos de um diálogo sem fim. Nas relações dialógicas, cada enunciação é determinada pela situação social e condições extra-orgânicas do meio social. Ou seja, tais relações são um produto da interação social, estabelecendo-se com isso um relacionamento dialógico de sentidos entre enunciados. No presente artigo, utilizo-me deste conceito para abarcar desde o contato direto através de encontros pessoais entre os autores até as notas pessoais realizadas em diários, cartas e cadernos de anotações.

2 No Brasil, um bom ponto de partida para o estudo de suas interrelações — na verdade, um dos únicos materiais a este respeito em língua portuguesa —, é o "Apêndice" organizado pelo tradutor Boris Schnaiderman para o livro *A dama do cachorrinho e outros contos*. Cf. SCHNAIDERMAN, B. "Apêndice". In: *A dama do cachorrinho e outros contos*, 4ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

3 Nas obras completas de Anton Tchékhov há 214 menções feitas a Liev Tolstói apenas em cartas, 27 em diários, cadernos de anotação e obras literárias e mais de quinhentas notas referentes às interrelações existentes entre ambos.

morosas menções sobre o escritor não apenas em cartas e diários de Anton Tchékhev, como até mesmo em obras literárias muito conhecidas, tais como *A gaivota* (1896), *O duelo* (1891) e *A noiva* (1903).⁴ Em *A gaivota*, por exemplo, texto dramático no qual é constante a reflexão acerca do ato de escrever, Tolstói é mencionado e evidenciado como ápice da literatura tanto por Trepliov quanto por Trigórin, os dois escritores presentes na peça. Já em *O duelo*, o protagonista Laiévski sente evidente apreço por Liev Tolstói, referindo-se a ele e à sua obra em mais de uma passagem da novela. No primeiro capítulo, tratando de sua desilusão amorosa em relação a Nadiejda Fiódorovna, o personagem diz: “Na noite passada, por exemplo, alegrou-me aquilo em que pensava o tempo todo: ‘Ah, como Tolstói está certo, impiedosamente certo.’ E me sentia mais leve com isto. Realmente, irmão, é um grande escritor.”⁵ Mais adiante, o mesmo personagem torna a fazer alusões a Liev Tolstói através de uma fala sobre Anna Kariênina: “Desta vez, mais do que qualquer outra coisa, Laiévski não gostou do pescoço branco e descoberto e dos caracóis de cabelo na nuca de Nadiejda Fiódorovna; lembrou-se de que Anna Kariênina, quando deixou de amar o marido, não gostava, antes de tudo, de suas orelhas, e pensou: ‘Como está certo! Certíssimo!’”⁶ Por fim, em *A noiva*, a personagem Anna Kariênina volta a ser referenciada. No segundo capítulo, em conversa entre Nadia e sua mãe, lê-se que: “quando não consigo dormir, fecho os olhos com força, bem forte, assim, e imagino Anna Kariênina, como ela anda e fala, ou imagino qualquer coisa histórica, do mundo antigo...”⁷ Ou seja, Anton Tchékhev se utiliza por mais de uma vez da obra de Liev Tolstói como um meio de dialogar com os leitores de

4 As três obras se encontram já traduzidas para a língua portuguesa, algumas delas por mais de um tradutor diferente. Recomendamos *A gaivota* na tradução de Rubens Figueiredo, *O duelo* por Klara Gurianova e *A noiva* por Nina e Filipe Guerra, conforme disposto nas Referências Bibliográficas ao fim do texto.

5 TCHÉKHOV, 1974-1983, v. 7, p. 355. Aproveito o ensejo para observar que todas as citações de excertos das obras de Anton Tchékhev e Liev Tolstói presentes neste artigo são traduções de minha autoria.

6 TCHÉKHOV, 1974-1983, v.7, p. 362.

7 TCHÉKHOV, 1974-1983, v.10. p.207.

seu tempo – e do nosso –, pois faz referências que tornam seus personagens mais vivos, destacando alguns de seus traços à luz de obras amplamente conhecidas.

Obviamente que entre as anotações encontradas em suas cartas e diários há também certas demonstrações de discorências de pensamento (como é o caso do debate entre ambos acerca da imortalidade).⁸ No entanto, as características que mais saltam aos olhos quando observamos o conjunto de referências feitas a Liev Tolstói são sem dúvida o respeito e a simpatia de Anton Tchékhev para com seu contemporâneo. Exemplificando, em carta escrita ao editor Aleksei Suvórin⁹ em 11 (23)¹⁰ de dezembro 1891 – mesmo antes de Tchékhev e Tolstói se conhecerem pessoalmente – Tchékhev escreve: “Ah! Tolstói, esse Tolstói! Ele é, atualmente, não apenas um homem; é muito mais do que isso: é Júpiter”.¹¹ E anos depois, mais precisamente em 28 de janeiro (9 de fevereiro) de 1900, quando já se conheciam havia 5 anos, Tchékhev escreveu em carta a Menchikóv¹² sobre a visita que fizera a Liev Tolstói, naquele tempo com pedras na vesícula:

8 Em 16 (28) de abril Anton Tchékhev registra em carta ao jornalista Mikhail Ossipovitch Ménchikov (1859 -1918): “Há males que vem para o bem. Visitou-me no hospital Liev Nikoláievitch, com quem tive uma conversa superinteressante: superinteressante para mim, pois mais ouvi do que falei. Falamos sobre a imortalidade. Ele considera a imortalidade segundo a visão de Kant; acredita que todos nós (pessoas e animais) vamos viver em princípio (razão, amor), uma essência e um propósito que para nós constituem um mistério. Para mim este início ou força apresenta-se como uma massa disforme gelatinosa; meu eu, minha individualidade, minha consciência vão fundir-se com esta massa – tal imortalidade para mim não é necessária, não a entendo e Liev Nikoláievitch surpreende-se de que eu não a compreenda.” (TCHÉKHOV, 1974-1983, v. 6 p. 332)

9 Aleksei Sergueievitch Suvórin (1832-1912), editor russo muito influente em seu tempo. Anton Tchékhev travou longa correspondência com ele, publicada no livro *Cartas a Suvórin*, pela Edusp, indicado nas referências ao fim do texto.

10 Seguimos neste artigo o padrão de datas adotado para as publicações sobre a Rússia no Brasil. Uma vez que o calendário gregoriano na Rússia foi adaptado apenas em 1918, todas as datas russas históricas anteriores a este ano são informadas de duas maneiras: primeiro, de acordo com o calendário juliano (o antigo) e, em seguida, entre parênteses, de acordo com o calendário gregoriano (o atual), sendo a diferença entre eles de treze dias.

11 TCHÉKHOV, 1974-1983, v.4 p. 322. Este excerto está relacionado à ocasião em que Liev Tolstói escreveu um artigo sobre refeitórios dando conselhos e indicações práticas, que Tchékhev descreve mais adiante como “sensatas, simples e racionais”.

12 Mikhail Ossipovitch Menchikov (1859 -1918) jornalista e publicista russo.

Fiquei tenso e assustado com a doença dele. Temo pela morte de Tolstói. Se ele morresse surgiria um grande vazio em minha vida. Em primeiro lugar nunca amei ninguém da mesma forma; sou um homem incrédulo, mas entre todos os tipos de fé existentes, considero em grande medida próxima e oportuna para mim precisamente a sua fé. Em segundo lugar, quando existe Tolstói na literatura, é fácil e agradável ser literato; inclusive não é tão terrível reconhecer que você não fez nada, nem está fazendo, pois Tolstói já faz por todos. Sua atuação serve como justificativa para a esperança e a aspiração exigidas na literatura. Em terceiro lugar, Tolstói está firme, tem uma autoridade enorme, e enquanto ele viver, mau gosto literário e quaisquer tipos de vulgaridade descarada e chorosa ou exacerbações de amor próprio ficarão longe, completamente escondidas. Somente uma autoridade literária como a sua consegue manter os chamados espíritos e tendências literárias num certo nível. Sem ele, tratar-se-ia de um rebanho sem pastor ou um mingau bagunçado.¹³

Quanto a Liev Tolstói, também deixou diversos registros sobre Anton Tchékhev, sendo neles perceptível o fato de a sua opinião sobre o escritor ter se modificado bastante com o passar dos anos. Em suas obras completas¹⁴ destacam-se ao todo 156 referências diretas feitas a Anton Tchékhev, tanto sobre sua obra quanto sobre as vezes em que se encontraram pessoalmente. De todas as menções encontradas, destacarei a seguir apenas aquelas que demonstram com mais precisão as semelhanças e divergências entre ambos os autores, bem como as que revelam o quanto a admiração de Liev Tolstói cresceu com o tempo, culminando em um posfácio para o conto *Queridinha* (1898), uma das obras-primas tchekhovianas em sua opinião.

13 TCHÉKHOV, 1974-1983, v. 9, p. 29 e 30.

14 Todas as traduções dos textos de Tolstói presentes neste artigo foram retiradas dos 90 volumes (Jubileu), obras coletadas de Liev Tolstói, um projeto criado entre os anos de 1928-1958. As obras se encontram disponibilizadas atualmente na internet graças ao auxílio de diversos voluntários do All Tolstoy in One Click (Cf. <https://tolstoy.ru/creativity/90-volume-collection-of-the-works/>). Trata-se da primeira e até hoje única coleção realmente completa das obras do grande escritor. As obras reunidas contêm não apenas os textos mais famosos do escritor, mas também textos desconhecidos para uma ampla gama de leitores, tais como diários e cartas de Tolstói, que juntos compõem 44 destes volumes, além dos escritos filosóficos e religiosos, esboços, excertos, bem como variantes e cenas descartadas pelo autor.

Alguns dados sobre suas interrelações pessoais

Embora desde março de 1893 Tchékhev desejasse e até mesmo se preparasse para visitar Liev Tolstói,¹⁵ suas tentativas nunca tinham sucesso e o primeiro contato entre ambos deu-se apenas em 8 (20) de agosto de 1895.¹⁶

Naquele dia 8 de agosto o conde¹⁷ encontrava-se em companhia de dois amigos – M. A. Olsúfiev (1860-1916) e S. I. Taniéiev (1856-1915), importante compositor russo da época –, bem como de Tchékhev, que acabara de conhecer, quando leu para este pequeno círculo de pessoas uma parte de seu romance *Ressurreição* (1899), já em processo de criação. Sobre esta ocasião, ele escreveu alguns dias depois, em 7 (19) de setembro, em seu diário: “andei escrevendo *Ressurreição*. Li-o para Olsúfiev, Taniéiev e Tchékhev: em vão. Estou muito insatisfeito com eles agora e quero abandoná-los ou reeducá-los.”¹⁸

Antes de conhecer Tchékhev – conforme veremos mais detalhadamente no tópico a seguir –, Tolstói já escrevia vez por outra em cartas e diários sobre a obra tchekhoviana, sobretudo os contos. Mas, a partir do momento em que os dois escritores se conhecem, as anotações passam a ser cada vez mais frequentes. Em carta escrita no dia 4 (16) de setembro do mesmo ano, por exemplo, ele escreve ao filho L. L. Tolstói: “Tchékhev esteve em casa e eu gostei dele. É muito talentoso e tem um coração que parece bom, mas até agora não tenho uma opinião formada.”¹⁹ Já os próximos dois registros acerca de seus encontros referem-se ao ano de 1896 e 1897. O primei-

15 Além de não conhecer Tolstói por desejar visitá-lo sem intermediários, Tchékhev deixou diversos registros comprovando como por mais de uma vez foi impedido de seguir viagem por ter de trabalhar escrevendo contos encomendados.

16 TOLSTÓI, 1928-1958, v.53 p.394. Embora esta seja a data apontada também em outras cronologias do autor, há a possibilidade de a visita ter se dado em 6 de agosto, uma vez que é esta é a data apontada por Taniéiev em suas recordações.

17 Liev Tolstói, além de escritor, era conde.

18 TOLSTÓI, 1928-1958, v.53 p.51

19 TOLSTÓI, 1928-1958, v.68 p.158.

ro, em 15 (27) de fevereiro de 1896, quando Tchékhev voltou a visitar o conde. O segundo registro, relativo à época em que Tchékhev esteve internado no hospital de Ostroukhov e, durante o tempo em que ali esteve, recebeu uma visita de Liev Tolstói – a visita deu-se exatamente no dia 28 de março (9 de abril). Em tal ocasião, além de conversarem sobre a imortalidade,²⁰ Tchékhev transmitiu a Tolstói a essência e o conteúdo do conto “Teatro de Vogulos”, escrito por K. D. Nossílov. Conteúdo este que, estando em harmonia com a arte que Liev Tolstói procurava para o povo, foi inserido em seu livro *O que é a arte?* e apontado como uma verdadeira obra artística.

Aproximadamente dois anos depois, em 22 de abril (4 de maio) de 1899, Tolstói e Tchékhev se encontraram novamente e falaram a respeito do escritor Máksim Górkí (1868-1936),²¹ já bastante conhecido na época, e um tanto próximo a Tchékhev.²² Sabe-se ainda que Tolstói esteve com Tchékhev na primavera de 1899 e em setembro de 1901, quando Tchékhev se encontrou com Liev Tolstói em Gaspra, na Criméia, tal visita ocorrendo no dia 12 (24) daquele mês e sendo a primeira de muitas no decorrer do inverno de 1901 e 1902.

Diante do permanente contato entre ambos, não estranha que o conde escreva em seu diário, no dia 29 de setembro (11 de dezembro) daquele ano: “Estou feliz, pois gosto tanto de Górkí quanto de Tchékhev, particularmente do primeiro.”²³ e em 30 de novembro (12 de dezembro) relate em carta ao seu editor Vladimir Tchertkov (1854-1936): “Aqui vejo com frequência Tchékhev – um perfeito ateu, mas bom – e Górkí, no qual há muito maior profundidade, apesar de elogiarem-no exagera-

20 Em prefácio para a obra *Sem trama e sem final (99 conselhos de escrita)*, Brunello (2007, p. 25) também trata das divergências de opinião de ambos no que diz respeito à imortalidade.

21 Também sobre as interrelações entre Tchékhev e Tolstói recomenda-se a leitura da obra *Leão Tolstói* escrita pelo próprio Górkí com tradução para o português de Rubens Pereira dos Santos.

22 Há uma carta já traduzida para o português que também traz registros desta conversa. Nela, Anton Tchékhev diz a Górkí: “Anteontem, estive em casa de L. N. Tolstói. Ele o elogiou muito, disse que você é um ‘escritor notável’”. Cf. Carta 10. In: ANGELIDES, S. *Carta e literatura. Correspondência entre Tchékhev e Górkí*. São Paulo: Edusp, 2001.

23 TOLSTÓI, 1928-1958, v.54 p.113.

damente."²⁴ Além disso, ainda em 1901, no dia 7 (19) de dezembro, há registros de que Tchékhov e Tolstói conversavam por telefone.²⁵

Ao longo daquele inverno em que se viam constantemente (final de 1901 e começo de 1902), o estado de saúde de Liev Tolstói não era nada bom e por diversas vezes Tchékhov visitou o escritor, em cujo calendário de mesa encontrou-se anotado na quinta-feira, dia 17 (29) de janeiro de 1902: "Não dormi a noite inteira por causa da dor no lado esquerdo. Não tenho febre. Tomei estrofantó. Tchékhov e Altchüller estiveram aqui. Bertenson e Schuróvski virão também. O dia todo senti dor no flanco e fraqueza."²⁶ Em relação a estas palavras, lembre-se que Tchékhov exercia a medicina, indo visitar Tolstói também com a intenção de tratá-lo.

Todas as visitas e conversas já mencionadas, bem como as outras que se deram no decorrer dos próximos dois anos até o falecimento de Anton Tchékhov em 1904, são registros valiosos que nos ajudam a entendermos como estas interações foram sendo tecidas. Mas talvez seja mais significativo para os estudiosos destes dois autores ver como ainda em cartas e anotações de Tolstói há por mais de uma vez pensamentos a respeito de seu contemporâneo, nem sempre o referenciando de modo assim tão positivo. Em dezembro de 1904, por exemplo, em carta destinada ao estudante universitário Mikhail Mikháilovitch Moltchánov Tolstói dizia que:

Você, com sua grande facilidade para escrever, resolve de modo negativo uma questão sobre o livre arbítrio citando Górkí, Tchékhov, List, Lombroso, Ferri. Se honrasse Platão, Descartes, Spinoza, Kant, Lichtenberg, compreenderia que suas autoridades citadas são lamentáveis bichinhos microscópicos em comparação com elefantes de raciocínio, com os quais você lida tão facilmente. Aconselharia você a escrever somente para si mesmo, para deixar claros seus pensamentos.²⁷

24 TOLSTÓI, 1928-1958, v.88 p.252

25 TOLSTÓI, 1928-1958, v.54 p. 367

26 TOLSTÓI, 1928-1958, v.54 p.294.

27 TOLSTÓI, 1928-1958, v.75 p.191.

Além de trazer esta referência, tal excerto nos reforça o fato de os problemas eternos da humanidade estarem sempre pulsando dentro de Liev Tolstói. O que vemos também no seguinte excerto de seu artigo intitulado *Sobre a loucura*:

Então, outro dia recebi um livro intitulado 'Sobre o sentido da vida'. Neste livro o autor procurou vestígios do sentido da vida nas obras de Sologúb, Andriéiev e Chestov. Não esquece de aproveitar, para a explicação do sentido da vida, além disso, também as obras de Tchékhev e outros, tão competentes na questão sobre o sentido da vida. Não era precisamente nem o bramanismo, nem Buda, nem Salomão, nem Marco Aurélio, nem Sócrates, Platão, nem Cristo, nem Rousseau, nem Kant, nem Shopenhauer, etc. Precisamente toda a humanidade até Sologub, L. Andriéiev, Chestov e Liev Tolstói viveu sem ter nenhuma idéia sobre o sentido da vida, que será já-já explicada ao povo por Chestov, Andriéiev, Sologub e Tolstói.²⁸

Ambos os trechos – o segundo deles até mesmo repleto de ironia – revelam que, embora Tolstói gostasse muito de seu contemporâneo enquanto pessoa e de seus escritos (conforme se verá a seguir), não julgava que Tchékhev ou qualquer outro de seus contemporâneos – nem mesmo ele – fosse capaz de resolver algumas destas eternas questões da humanidade.

Liev Tolstói e suas observações sobre a obra de Anton Tchékhev

A primeira vez que Tolstói faz em seus escritos alguma referência à leitura de obras de Tchékhev data de 1889. Em seu diário de 11 (23) de janeiro do referido ano lê-se: "A sensação é pesada, a indisposição é iminente. [...] Almocei com Diákov e li Tchékhev."²⁹ Segundo nota a este trecho,³⁰ é provável que o escritor tenha lido a coletânea *No crepúsculo. Ensaios e contos* editada por A. S. Suvórin em 1888 e possivelmente presente na biblioteca de Iásnaia Poliana naquela época.

28 TOLSTÓI, 1928-1958, v.38 p.400.

29 TOLSTÓI, 1928-1958, v.50 p. 21.

30 TOLSTÓI, 1928-1958, v.50 p.263.

Pouco depois, em 15 (27) de março do mesmo ano lê-se em seu diário um segundo registro a respeito de Tchékhov: “Estou lendo coisas bonitinhas de Tchékhov. Ele ama as crianças e as mulheres, mas não é o bastante.”³¹ E a seguir, em 17 e 18 (29 e 30) de março, também em seu diário:

Estive lendo Tchékhov. Não é bom, é insignificante. É hora do almoço, mas eu não saí. Fiquei a tarde toda sozinho lendo Tchékhov. Há uma capacidade de amar até a iluminação artística, mas por ora isso é inútil.

[18 de março] 17 M. M. 89. Levantei-me cedo, trabalhei muito, terminei de ler Tchékhov.³²

São as primeiras impressões e, curiosamente, datam do tempo em que Tchékhov ainda estava tateando no universo da escrita, ou seja, quando ainda não era o grande contista e dramaturgo que conhecemos hoje.

Apenas em 1892 Tolstói se expressa outra vez a respeito de uma obra de seu contemporâneo, agora para enaltecê-la e, tão importante quanto isso, o faz especificando a obra de que fala. É em 14 (26) de fevereiro deste ano que Liev Tolstói escreve de Moscou uma carta para Gorbunov-Possádov, evidentemente encantado com *Enfermaria n.º 6* (1892), presente em *Русская Мысль* (*Rúskaia Mysl* – Pensamento russo), famosa revista da época. No final da carta lê-se: “Que boa obra é a *Enfermaria n.º6* de Tchékhov. O senhor certamente a leu.”³³ Por toda a sua força e pela forma com que é relatado o destino trágico de Ivan Dmítrich, preso num mundo ao qual jamais imaginou que pertenceria, este conto – já naquele tempo bastante caro a Tolstói – é hoje, não por acaso, considerado pela crítica como um dos mais importantes do escritor. A situação em que vive o protagonista, o desgaste provocado pela monotonia e falta de conversas inteligentes ao seu redor, a loucura que nele enxergam os outros, apenas porque passa a conversar com um demente – homem, por sinal, muito mais lúcido que os demais habitantes com que convive o protagonista –, cada um destes

31 TOLSTÓI, 1928-1958, v.50 p.52.

32 TOLSTÓI, 1928-1958, v.50. p.53.

33 TOLSTÓI, 1928-1958, v.66 p.288.

aspectos contribui para que a obra encante seus leitores ainda hoje, tratando não apenas de questões relativas à Rússia do século XIX, mas de muito daquilo que é eterno e inerente ao ser humano.³⁴

Cerca de um ano depois, em 25 de fevereiro (9 de março) de 1893, Liev Tolstói reuniu-se em Iásnaia Poliana com outras pessoas para ler a primeira parte do conto *História de um desconhecido* (1893), igualmente publicada na revista *Pensamento russo* em fevereiro (o término de tal texto sairia apenas em março daquele ano). E em carta a sua filha Tatiana, datada exatamente do dia em que se realizara a leitura, Tolstói escreve, pouco antes de se despedir: “Agora estamos reunidos para ler o texto de Tchékhev em *Rúskaia Mysl*. Isto é tudo.” Trata-se de um conto menos conhecido³⁵ no qual é narrada a trajetória de um homem que se finge de laçao em uma casa para conseguir vingar-se de seu maior inimigo. Ainda assim, a narrativa demonstra diversos destinos frustrados, existências monótonas e desgastadas, bem como amores jamais correspondidos e certa apreensão em relação ao futuro e ao fato de todos morrerem, tornando-nos sons vazios e nada mais – isto é, já há nele a famosa temática tchekhoviana. E ainda que o conto não receba mais do que esta pequena linha por parte de Liev Tolstói, é relevante o fato de o mesmo ter sido lido em grupo e mencionado assim que publicado.

Além destas anotações, aparece de passagem o nome de Anton Tchékhev em uma carta escrita à esposa Sofia Andréievna Tolstaia (1844-1919) em 20 de outubro (1º de novembro) de 1893. Ali, ao expressar sua opinião sobre a novela Семейная история (*Semiéinaia istoria - História familiar*), escrita por Potápenko (1856-1829) – escritor russo bastante popular na época –, e publicada pela primeira vez naquele ano em Северный Вестник (*Siéverny Viéstnik - Mensageiro do Norte*), Tolstói diz que:

34 Esta obra possui mais de uma tradução para o português. Uma delas, feita por Boris Schnaiderman, encontra-se indicada nas referências.

35 Realmente, este não é um dos contos mais famosos do escritor. Em língua portuguesa, temos acesso a ele através da tradução de Nina e Filipe Guerra para a Relógio D’água, indicada nas referências.

Há muito tempo não lia nada tão revoltante! É um tanto terrível ver que alguns escritores, não apenas Potápenko como até Tchékhov, Zola e inclusive Maupassant, não sabem o que é bom e o que é ruim: na maioria das vezes, o ruim é aquilo que julgam ser bom e, apresentando-se como arte, regalam o público, pervertendo-o.³⁶

A referência é breve, mas significativa, já que, ao fazê-la, o autor parece bastante frustrado e desconfortável com o meio literário ao seu redor e inclui Tchékhov nesta sua lista do descontentamento. Além disso, este comentário coincide precisamente com o momento em que Tolstói já começara a compor sua polêmica obra a respeito da utilidade e da importância da arte. Tanto que, seguindo esta mesma linha, alguns meses depois, em carta para Tatiana Lvóvna e Lev Lvóvitch – dois de seus filhos –, datada de 2 (14) de março de 1894, Liev Tolstói volta a tratar do tema da arte. No presente caso, Tolstói menciona seus planos em relação ao prefácio que estava escrevendo para *Mont Oriol* (1887), obra de Maupassant, e volta a fazer alusões ao nome de Anton Tchékhov, dizendo:

Estou trabalhando em um prefácio para Maupassant. [...] Você escreve acerca do aspecto aparente da arte e sua ausência de conteúdo. Eis as razões e os danos desta que tenho vontade de expressar no artigo sobre Maupassant. Ele próprio diz que o objetivo da arte é *faire quelque chose de beau*.³⁷ E o *beau* é *une convention humaine*, isto é, o que é considerado *beau*, é *beau*.

E assim pensam todos: Riépin, Kassátkin e Tchékhov. E é preciso mostrar o que há de verdadeiramente belo e o que há de convencional. Quantas vezes já não voltei a este tema e em nenhuma soube expressá-lo claramente. O que deve significar ainda está vago para mim. Mas o tema é de tal importância que é indesejável ficar embelezando sua falta de clareza.³⁸

Alguns anos depois, quando voltam a aparecer informações a respeito de Tchékhov em suas cartas e diários, os dois autores russos já se conhecem e são bastante próximos, como

36 TOLSTÓI, 1928-1958, v.84 p.199.

37 No original estes trechos e os que se seguem a ele se encontram em francês.

38 TOLSTÓI, 1928-1958, v.67 p.60

vimos. Este retorno se dá precisamente em 21 de dezembro 1897 (2 de janeiro de 1898), quando Liev Tolstói anota em seu Diário: “Agora terminei de ler o conto de Tchékhev *Na carroça*.³⁹ Magnífico pela expressividade, mas retórico quando ele quer acrescentar sentido ao conto. Graças ao livro, tive uma revelação maravilhosa sobre a Arte”.⁴⁰ Incluído entre os vários contos em que Tolstói admirava a maestria de composição por parte de Tchékhev, *Na carroça* havia sido publicado pela primeira vez no jornal Русские вестиности (*Rússkie Viédmosti* - *Boletim russo*), nº 352, exatamente no dia 21 de dezembro.

Um ano depois, em 6 (18) de outubro de 1898, o escritor volta a referenciar Tchekhev em seus escritos, dizendo ter lido em voz alta seu conto *Sobre o amor* (1898),⁴¹ narrativa em cuja forma bela e delicada vemos aflorar muitas das qualidades de Anton Tchékhev. E, por fim, seria impossível não mencionarmos as diversas referências deixadas ao conto *Queridinha*. Quando, em 14 (26) de janeiro de 1899, Liev Tolstói leu este conto pela primeira vez, estava ainda, sem saber, diante de uma das obras de Anton Tchékhev que mais apreciaria ao longo de sua vida. O escritor encontrava-se reunido com seus amigos, conversando sobre literatura durante o chá, quando o literato Sergueienko falou a respeito de *Queridinha*, dizendo que estava com o conto em mãos e que este não lhe parecera nada mal. Liev Tolstói animou-se e propôs aos presentes uma leitura em voz alta. A seguir, desde as primeiras linhas, o conde demonstrou grande aprovação, parando sua leitura para fazer comentários tais como: “Que linguagem magnífica.”⁴² ou

39 O conto encontra-se em português, tendo uma tradução disponível pela editora Relógio D'Água. Em tal narrativa existe uma rede complexa de sentimentos e emoções que a permeia. Embora pareça um simples relato de viagem, novas sensações são reservadas à protagonista em meio a seu conhecido percurso, culminando com as lembranças que tem de sua mãe e do seu tempo de juventude, tão caro a ela.

40 TOLSTÓI, 1928-1958, v.53 p.172.

41 Este conto também possui mais de uma tradução para o português, entre as quais recomendamos a de Noé Silva, indicada nas referências. Com um dia chuvoso servindo de pano de fundo para o conto – algo que contribui para o triste clima de desilusão tecido pelo escritor –, o leitor sente repercutir em si uma das principais questões propostas: o fato de o amor ser mesmo um grande mistério, única verdade incontestável a seu respeito.

42 TOLSTÓI, 1928-1958, v.42 p.609. Todo o relato deste parágrafo encontra-se aqui.

“Como é bom!”. Em seguida dirigiu-se a Sergueienko bastante perplexo: “Como você diz apenas ‘nada mal’? Isto é quase uma pérola. Como está finamente criada e capturada toda a natureza do amor feminino! E que linguagem! Nenhum de nós, nem Dostoievski, nem Turguênev, nem Gontcharóv, nem eu poderia escrever assim.” Tolstói citou algumas passagens do conto com animação e, quando da chegada de mais visitantes, disse: “Leram *Queridinha* de Tchêkhov? Ouçam que encanto! Querem?”. A partir disto, leu o conto pela segunda vez, com maestria ainda maior, voltando a lê-lo entre os dias 15 e 20 de janeiro (27 de janeiro / 1º de fevereiro).

Ainda acerca de *Queridinha*, Tolstói deixou claro, com o passar dos anos, o que via no conto, isto é, não uma sátira à maneira de Nikolai Gógol (1809-1852), como viam alguns de seus contemporâneos, mas uma tocante representação do melhor lado da natureza feminina – um pensamento que Liev Tolstói desenvolve plenamente em seu posfácio ao conto. Em tal posfácio, Tolstói denomina a narrativa de Tchêkhov como sendo admirável e compara a criação tchekhoviana à narrativa bíblica relativa a Balaaque e Balaão, presente no Livro dos Números. Por meio de sua comparação, Tolstói demonstra o quanto Tchêkhov, ainda que desejasse amaldiçoar a personagem de seu conto, rindo de sua postura, acabou por abençoá-la e provar como ninguém o quanto há de amor pelo próximo na alma feminina; pois tudo no conto era ridículo, menos a alma generosa e repleta de abnegação presente naquela figura feminina.

Porém, ainda que Liev Tolstói demonstrasse grande apreço por este conto, chegando a escrever-lhe tal posfácio alguns anos depois, houve também três obras de Tchêkhov das quais Tolstói não gostou nada e que, justamente por esta razão de divergência absoluta – algo que nos auxiliará no melhor entendimento desta figura tão multifacetada que foi Liev Tolstói –, não podem deixar de ser mencionadas aqui.

A primeira destas narrativas é o famoso conto *A dama do cachorrinho* (1899). Em janeiro de 1900, antes do dia 16, Liev Tolstói leu este texto e a seu respeito deixou dois registros, sendo o primeiro deles em seu caderno de anotações: “Li *A dama do*

cachorrinho. Está para além do bem,⁴³ ou seja, ainda não veio à compreensão do homem. (Janeiro de 1900)". E o segundo, em seu diário, no dia 16 de janeiro do mesmo ano:

Li *A dama do cachorrinho* de Tchékhev. É puro Nietzsche. Pessoas que não elaboram dentro de si uma visão clara de mundo, que separe o bem do mal. Anteriormente tinham medo, procuravam; agora, pensando estar além do bem e do mal permanecem aquém, isto é, são quase animais.⁴⁴

O conto foi publicado pela primeira vez em *Pensamento Russo*, em 1899, nº12.⁴⁵ Ao tratar de um amor correspondido, embora impossível por estarem ambos os protagonistas casados, a narrativa parece não estar de acordo com aquilo que pregava Tolstói, adepto de condenação em relação ao adultério. Fazendo tais comentários em seu diário e no caderno de anotações, o escritor apresenta-se, desta vez, não como um apreciador da obra de Tchékhev, mas como alguém que vê em tal obra certa ausência de condenação moral – algo bem próximo daquele comentário inicial, quando ainda lia as obras menos maduras do escritor e dizia que alguns autores (inclusive Tchékhev) não possuíam discernimento para falar sobre o que é bom e o que é ruim.

A segunda obra que deve ser mencionada por não ter agradado nada a Liev Tolstói é também, curiosamente, uma das obras consideradas maduras do escritor. Ainda em janeiro daquele ano, exatamente no dia 24 (5 de fevereiro), Tolstói foi assistir à peça *Tio Vânia* (1899), de Tchékhev, dirigida por Konstantin Stanislávski (1863-1939) e V. I. Nemiróvitch-Dântchenko (1858-1943). O drama, verdadeira retratação de um universo pacato e de existências frustradas onde nada de fato acontece – tal qual ocorre nas demais grandes peças do dramaturgo –, deixou Tolstói profundamente indignado. Apesar de o escritor nunca ter falado sobre esta obra com seu autor, escreveu em seu diário de 27 de janeiro (8 de fevereiro): “Há quase duas semanas não escrevo. Fui assistir *Tio Vânia* e indignei-me. Senti

43 Alusão ao livro de Nietzsche *Além do Bem e do Mal* (1886).

44 TOLSTÓI, 1928-1958, v. 54 p.9.

45 TOLSTÓI, 1928-1958, v.54 p.408.

vontade de escrever o drama *Cadáver*, esbocei um resumo.”⁴⁶ Quando fala em “o drama *Cadáver*”, Tolstói refere-se à sua peça intitulada *O cadáver vivo*⁴⁷ e publicada somente após sua morte, em 1911. Embora a ideia de escrevê-la houvesse surgido para Tolstói em dezembro de 1897, partindo de um caso verídico, o trabalho sobre a peça teve início apenas em janeiro de 1900, após a representação de *Tio Vânia*.

Por fim, a terceira obra que causou repulsa em Tolstói foi seu conto *Os mujiques* (1897). Em 22 de maio (3 de junho) de 1902, ele escreve uma carta de Gaspra para M. L. Oboliénski, na qual diz, entre outras coisas: “Tive nojo de Tchékhev. É imoral, sujo.”⁴⁸ Ainda que não mencione a obra diretamente, comentários deixados em suas obras completas nos ajudam a especular que o escritor tenha em mente tal conto, uma vez que para Liev Tolstói o homem do campo era considerado modelo e, portanto, enaltecido – tal qual o era para os populistas russos da época –, enquanto a Tchékhev as virtudes do mujique em nada impressionavam. Na realidade, a vida destes camponeses para o contista era tal qual a retratada em sua obra: sombria, miserável, permeada por pessoas bêbadas, infelizes e desorientadas ante os acontecimentos de que fazem parte. Para tal especulação, é também significativo o que escreveu A. C. Butúrlin para P. A. Stróiev em 15 (27) de setembro de 1902 de Iásnaia Poliana:

Liev Nikoláievitch aprecia muito o talento de Tchékhev. Em sua opinião, na literatura russa atual ninguém é maior do que Tchékhev. Falando em Tchékhev, esqueci-me de mencionar a opinião muito curiosa de Liev Nikoláievitch sobre *Os mujiques* de Tchékhev. Liev Nikolaievitch está descontente com o nome. ‘De cento e vinte milhões de mujiques russos – disse Liev Nikoláievitch – Tchékhev pegou apenas uns sombrios diabos. Se os mujiques russos fossem realmente assim, então todos nós teríamos deixado de existir há muito tempo’.⁴⁹

46 TOLSTÓI, 1928-1958, v.54 p.10

47 A peça se encontra traduzida para o português e está também indicada nas referências deste artigo.

48 TOLSTÓI, 1928-1958, v.73 p.246

49 TOLSTÓI, 1928-1958, v.73 p.247

Para finalizar, é importante dizermos que houve ainda diversas outras referências deixadas por Liev Tolstói acerca da obra de Anton Tchékhev e que seria impossível citá-las todas neste artigo. Cito a seguir, portanto, apenas a anotação que talvez possa ser considerada uma das mais relevantes dentre todas as encontradas – quando Liev Tolstói compara Tchékhev a Aleksandr Púchkin (1799-1837), considerado o maior poeta russo. Isso ocorre em 1903 na seguinte anotação de diário, feita em 8 (20) de setembro:

Pensei em algo muito importante, mas não amadureci o pensamento. Voltarei a ele depois e agora anotarei como o compreendo:

1) [...]

2) Sobre a literatura. Boatos sobre Tchékhev: conversando sobre Tchékhev com Lázarevski, compreendi que ele, assim como Púchkin, moveu a forma para a frente. E isto é um grande mérito. A essência, porém, não a tem como Púchkin. Górkí é mal entendido. Os estrangeiros entendem Górkí, sem entenderem Pólents."⁵⁰

Vale destacar que, ao comparar Tchékhev a Púchkin, Tolstói demonstra claramente a sua grande admiração, já que Púchkin foi um dos escritores e poetas que Tolstói mais apreciou ao longo de sua vida. Além disso, conforme registros a este respeito, em meio à conversa com Lázarevski, Tolstói teria dito:

Tchékhov!...Tchékhov é Puchkin na prosa. Eis como nos versos de Púchkin cada um pode encontrar algo que vivencio em pessoa, da mesma maneira que nos contos de Tchékhev, pelo menos em um deles, o leitor encontrará necessariamente a si e a seus pensamentos.⁵¹

Considerações finais

Se tomadas isoladamente, algumas das pequenas anotações traduzidas para este artigo não são tão reveladoras do quanto o trabalho de Anton Tchékhev impressionou seu contemporâ-

50 TOLSTÓI, 1928-1958, v.54 p.191

51 TOLSTÓI, 1928-1958, v.54 p.530

neo. Por outro lado, quando tomados em conjunto, estes excertos cumprem muito bem a função de demonstrar a riqueza do material tchekhoviano que temos em mãos, além de abrirem novas possibilidades e relações aos pesquisadores de literatura russa no Brasil. O presente artigo desvenda uma dentre as tantas faces possíveis no estudo das obras de ambos os autores: as relações dialógicas existentes entre eles. Por ser um campo ainda bastante vasto e inexplorado, as pesquisas nesta área tendem a se aprimorar daqui por diante, sendo as traduções aqui realizadas apenas uma ponte para futuras pesquisas: tanto no que diz respeito à melhor compreensão do universo tchekhoviano, quanto do próprio Liev Tolstói e de suas principais convicções, pensamentos morais e ideais sobre a arte literária.

Referências bibliográficas

ANGELIDES, S. *Carta e literatura. Correspondência entre Tchekhov e Górkí*. São Paulo: Edusp, 2001.

BRUNELLO, Piero. "Prefácio". In: *Sem trama e sem final (99 conselhos de escrita)*, tradução do italiano e do russo e notas, Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Martins, 2007.

GORKI, Máximo. *Leão Tolstói*. Trad. Rubens Pereira dos Santos. São Paulo: Perspectiva, 1983.

SCHNAIDERMAN, B. "Apêndice". In: *A dama do cachorrinho e outros contos*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

TCHÉKHOV, A. Полное собрание сочинений и писем в 30 томах (Obras Completas e cartas em 30 volumes) Moscou: Editora Naúka, 1974-1983, 30 vols. Disponível em <http://feb-web.ru/feb/chekhov/default.asp> . Acesso em: 30 jun. 2022.

TCHÉKHOV, A. *A dama do cachorrinho e outros contos*. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2009.

TCHÉKHOV, A. *A Gaivota*. Trad. e posfácio: Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

TCHÉKHOV, A. "A noiva". In: *Contos de Tchekhov. Volume VI*.

Trad. Nina Guerra e Filipe Guerra. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

TCHÉKHOV, A. *Cartas a Suvórin [1886-1891]*. Introdução, tradução e notas: Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Edusp, 2002.

TCHÉKHOV, A. "Enfermaria nº 6". In: *As três irmãs: contos*. Traduções de Maria Jacintha, Boris Schnaiderman. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

TCHÉKHOV, A. "História de um desconhecido". In: *Contos de Tchekhov. Volume IV*. Trad. Nina Guerra e Filipe Guerra. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2005.

TCHÉKHOV, A. "Na carroça". In: *Contos de Tchekhov. Volume III*. Trad. Nina Guerra e Filipe Guerra. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2002.

TCHÉKHOV, A. *O duelo*. Trad. Klara Gurianova. São Paulo: Manole, 2011.

TCHÉKHOV, A. "Sobre o amor". In: *O violino de Rothschild e outros contos*. Seleção, tradução e notas de Noé Silva. São Paulo: Veredas, 1991.

TOLSTÓI, L. *90-томное собрание сочинений* (Obras completas em 90 volumes) Moscou: Ed. GIHL, 1928-1958. Disponível em: <https://tolstoy.ru/creativity/90-volume-collection-of-the-works/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

TOLSTÓI, L. *O cadáver vivo*. Trad. Elena Vássina e Graziela Schneider. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.